

## A CINCO GRAUS DE DISTÂNCIA DA VERDADE: REFLEXÕES SOBRE A METODOLOGIA DA PESQUISA E ENSINO DE LITERATURA

Rochele Moura Prass \*

Marinês Andrea Kunz \*

**RESUMO:** Em um cenário no qual pairam incertezas sobre a pesquisa no País, pensar sobre o *modus operandi* das investigações em literatura leva a ponderações sobre os benefícios sociais da tarefa. Há, na jornada dessas reflexões, a própria natureza do objeto de pesquisa: o texto literário. Manifestação humana, liga-se à cultura e revela faces subjetivas, se não do ato da escrita, do ato interpretativo da leitura. Este artigo propõe-se a problematizar a metodologia de pesquisa em literatura para, então, propor caminhos que podem ser trilhados por professores da área, apresentando-se, na qualidade de resultados parciais, uma proposta metodológica para interpretação da obra *Capitães da Areia*. O presente escrito é pautado por uma abordagem indutiva, de natureza aplicada. Toma-se como base o método exploratório, procedendo-se às técnicas da pesquisa bibliográfica. Assim, ao alicerçar o fluxo interpretativo de uma obra literária em teorias propostas pela Estética da Recepção (JAUSS, 1994; ISER, 2002), bem como na teoria da interpretação de Ricoeur (1976), evidencia-se o papel de pesquisador que o professor assume ao propor aos alunos a interpretação de uma obra. Busca-se no pensamento de Platão, nos pontos em que desconstrói a relevância da literatura, a reconstrução do fazer metodológico científico aplicado ao gênero. Entende-se que o fato literário, mesmo sob o escrutínio do método, não se presta ao rigor. Assim, a cientificidade do estudo está na construção de um fluxo interpretativo, que parte de uma delimitação do olhar sobre o objeto e se completa quando o leitor-investigador preenche as lacunas do texto literário.

---

\* Mestranda em XXX – Bolsista Capes. Licenciada em Letras - Português e Literaturas.

\* Dr.<sup>a</sup> em Letras e Linguística.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Metodologia de análise. Estética da Recepção.

## **FIVE DEGREES FROM THE TRUTH: REFLECTIONS ABOUT METHODOLOGY AND TEACHING IN LITERATURE**

**ABSTRACT:** In context with uncertainties regarding research in the country, thinking about the modus operandi of investigation in Literature brings reflections on its wider social benefits. Such reflections have the research matter's very own nature: the literary text. Being a human manifestation, it is related to culture and shows subjective face in the interpretative act of reading. The following article presents a discussion on research methodology, in order to provide resources for teachers in the field. In the quality of partial results, it proposes a methodological approach on interpreting *Capitães da Areia*. This work is guided by an inductive of applied nature. It is based on the exploratory method, following the techniques used on bibliographic research. Thus, by grounding a literary work's interpretive flow on theories from Reader-response Criticism (JAUSS, 1994; ISER, 2002), as well as Ricoeur's Interpretation Theory (1976), the role of a researcher that a teacher takes on when proposing the interpretation of a literary work is shown. We search within the aspects of Plato's thoughts in which the relevance of Literature is discussed, to reconstruct the Scientific Method applied in genre. Therefore, the scientificity of the study lies on building an interpretive flow, which starts in defining the look over the object and is completed when the reader-investigator, fills the gaps found in a literary text.

**KEYWORDS:** Literature. Scientific Methodology. Reception Aesthetics.

### **1 INTRODUÇÃO**

Em 2018 e 2019, a figura do cientista ocupou espaço nos noticiários e pautou a opinião pública. Por conta dos anúncios de cortes orçamentários para pesquisa no País, os brasileiros começaram a refletir sobre quem é essa figura

e o que entrega à sociedade (MORI, 2018). A representação clássica do cientista que vive de jaleco em um laboratório, em fotos que acompanharam boa parte das matérias sobre o assunto, impõe reflexões. Se eles, que descobrem vacinas e participam da cura de doenças, não têm lugar garantido no apreço da sociedade, como “defender” a pesquisa e o ensino de literatura?

O que se discute neste texto é o próprio papel do pesquisador quando se vê diante de um meta-problema: em que pontos está o rigor científico da pesquisa em literatura, como e por que ela deve ser estudada? Nesse sentido, vale ressaltar que a investigação em literatura é também uma atribuição do professor desta matéria, uma vez que é por meio de técnicas e procedimentos inerentes à pesquisa científica que o docente poderá desenvolver atividades que visam à interpretação do texto literário, auxiliando os alunos na construção de sentidos.

A questão emerge do próprio objeto de pesquisa: o fenômeno literário. Se há algum rigor em seu conceito, é que a literatura é, *a priori*, uma manifestação humana que jamais se prestou ao rigor interpretativo. Algumas lógicas do método simplesmente não encontram sentido no artefato literário. A cultura, o contexto, as intenções do autor (ainda que juramentadas) não o explicam de forma infalível. Já o texto literário, aberto a pluri interpretações (ISER, 2002), tem essa teimosia de mudar de face toda vez que flagra um sujeito a observar seus traços.

Desse modo, este escrito propõe-se a problematizar a metodologia de pesquisa em literatura para, então, propor caminhos que podem ser trilhados por professores da área. Assim, ao alicerçar o fluxo interpretativo de uma obra literária em teorias propostas pela Estética da Recepção (JAUSS, 1994; ISER, 2002), bem como na teoria da interpretação de Ricoeur (1976), busca-se evidenciar o papel de pesquisador que o professor assume ao propor aos alunos a interpretação de uma obra literária. Ainda, entende-se que o texto, seja verbal ou não, é o ponto de partida do trabalho da interpretação, que movimenta um repertório de conhecimentos e de afetos constituintes do sujeito interpretante. Com esse intuito, apresenta-se um percurso possível na construção de raciocínios interpretativos, adotado em pesquisa que versa

sobre a representação da violência na interface discurso-personagem dessa narrativa de Jorge Amado.

Há, ainda, a complexidade inerente às teorias que se propuseram, ao longo de milênios, a estabelecer o que é literatura e o seu papel na sociedade. Trata-se de conceitos que tanto influenciam quanto são influenciados pelo contexto cultural dos pensadores. Por esse motivo, busca-se, via revisão bibliográfica, evidenciar as aproximações e diferenças entre as escolas teóricas sobre o fato literário, bem como seus focos de análise, para, então, adentrar na Estética da Recepção, proposta por Jauss (1994) como um método de interpretação do texto literário. Nesse sentido, o presente escrito é pautado por uma abordagem indutiva, de natureza aplicada. A fim de atingir os objetivos de estudo, toma-se como base o método exploratório, que se caracteriza por ser a primeira etapa de uma investigação mais ampla (GIL, 2008), procedendo-se às técnicas da pesquisa bibliográfica para, ao final da investigação aqui descrita, delimitar o terreno da cientificidade da pesquisa em literatura e suas implicações no campo do ensino.

Inicia-se a provocação com as ideias de Platão acerca do papel do poeta em *A República*. Vale lembrar que, para o filósofo, o primeiro a registrar reflexões sobre o que é literatura, o escritor não passa de um imitador, que fala livremente sobre o que não conhece. A utilidade da literatura foi “salva” quando Aristóteles atribuiu-lhe função catártica. Os gêneros tiveram seus elementos vasculhados pelo Formalismo e pelo Estruturalismo e suas distintas vertentes (SILVA, 1976). E foi democratizada quando o leitor recebeu o poder missionário da interpretação (ZILBERMAN, 1989). Porém, como se observa nas próximas páginas, ainda não desfila confortavelmente pela questão do método científico.

Assim como a escrita, a interpretação não acontece do nada ou numa mente vazia de outros pensamentos (RICOEUR, 1976). Ou seja, o sujeito não pode *resetar* seu conhecimento e esquecer tudo que já leu na vida ao (re)interpretar um texto. Por outro lado, não há um *download* que o atualize instantaneamente, aparelhando-o com novos equipamentos ou algoritmos interpretativos. Resta aceitar que o laboratório do pesquisador e docente em

literatura estará sempre contaminado e/ou incompleto, uma vez que, a todo instante, seu aparato interpretativo é atravessado e mediado por suas experiências de vida, seus conhecimentos, sobretudo os de literatura, e por seus afetos, ou seja, seus sentimentos, tudo isso situado em determinado contexto sócio-histórico. Assim, sua leitura é também perpassada pela de leitores mais experientes (outros pesquisadores, por exemplo), bem como pela visão dos próprios alunos quando o professor se coloca numa posição horizontal de escuta.

## 2 LITERATURA: UTILIDADE NA VIDA EM SOCIEDADE

Antes de delinear reflexões acerca do estudo de literatura, é preciso compreender o que é literatura. As ideias apresentadas por Platão, no Livro X de *A República*, são frequentemente lembradas nesse aspecto. No diálogo entre Sócrates e Glauco, os feitos dos poetas são apresentados como práticas sem utilidade alguma para a sociedade. E a figura de Homero é evocada como exemplo para defender a concepção de que, a despeito da destreza na forma como arquitetou a narrativa épica, nada de exponencial há na sua existência para o coletivo.

Meu caro Homero, se, relativamente à virtude, não estás afastado três pontos da verdade, nem és um fazedor de imagens, a quem definimos como um imitador, mas estás afastado apenas dois, e se foste capaz de conhecer quais são as atividades que tornaram os homens melhores ou piores, na vida particular ou pública, diz-nos que cidade foi, graças a ti melhor administrada, como sucedeu com a Lacedemónia, graças a Licurgo, e com muitas outras cidades, grandes e pequenas, devido a muitos outros? Que Estado te aponta com um bom legislador que veio em seu auxílio? (PLATÃO, 2001, p. 457).

Nessa visão, os artistas da palavra, assim como pintores, estão a três graus da verdade, sendo esta entendida como a razão pura das ideias. Desse ideal, abstrato, se dá a ação humana, afastada um grau da verdade. Já o artista, ao transformar tais ações em arte, torna-se imitador parcial de uma natureza que apreende apenas em parte.

Foi o discípulo de Platão, Aristóteles, quem concebeu a ideia de literatura como algo útil à vida em sociedade. Através do sujeito fictício que vivencia as emoções da trama, as pessoas podem experimentar um sem-número de possibilidades existenciais - *katharsis* (ARISTÓTELES, 2008). E é através dessa experimentação que o leitor dá vazão às suas próprias emoções, ressignificando-as no contexto da obra e da vida, o que na Estética da Recepção de Hans Robert Jauss será chamado de alargamento do horizonte de expectativas (JAUSS, 1994).

A despeito de uma suposta função útil, ressalta-se que literatura é arte. É uma expressão que nasce a partir de forças que agem sobre o criador, levando-o a criar, ainda, uma projeção existente apenas no contexto da obra (ISER, 2002). Desse modo, sujeita-se aos juízos de valor individuais e coletivos, sendo “permitido” que o leitor simplesmente feche o livro se a leitura não lhe for atraente, ainda que se trate de um clássico aclamado pela crítica. É um campo em que as pluri-interpretações são salutares. As divergências se apresentam como riquezas inevitáveis da própria natureza do signo linguístico em seu uso artístico (JAUSS, 1994).

Das primeiras tentativas de compreender o fenômeno literário, até o modo como se faz presente no dia a dia da sociedade, o certo é que tal definição está em constante mutação. A literariedade é conceito revisto ao sabor do pensamento de uma época, assim como o próprio fazer literário – da inutilidade da poesia, em Platão, e o pensamento aristotélico sobre como deve ser a arte literária, desfilando pelas correntes teóricas mais modernas. Fato é que se trata de uma expressão intrigante e, não à toa, instiga investigações sob diversos ramos das Ciências Humanas.

## 2.1 EM BUSCA DA LITERARIEDADE

Em busca da literariedade, os formalistas russos procedem ao vislumbre da forma, enquanto resultado de uma expressão artística, e não a preconização, como se observa: “Estamos rodeados de ecléticos e de epígonos que transformam o método formal num sistema imóvel de

“formalismo”, o qual deve servi-lhes para a elaboração de termos, esquemas e classificações. Pode-se facilmente criticar este sistema, mas ele não é característico do método formal.” (EIKHENBAUM, 1976, p. 5).

Na visão de Silva (1976, p. 559), os teóricos dessa escola se posicionam numa espécie de rejeição a dois extremos: “[...] a crítica impressionista, subjetivista e tendenciosa [...]” e “[...]a crítica acadêmica, de tipo erudito, ignorante dos problemas teóricos que o fenômeno literário implica [...]”. Nesse sentido, o método formalista centra-se no fato literário, os elementos engendrados no cerne de sustentação da realidade ficcional. Conseqüentemente, volta-se para a concepção de uma teoria própria, que deixa de se servir “[...] indiscriminadamente dos dados fornecidos pela história da cultura, pela psicologia, pela sociologia, etc” (SILVA, 1976, p. 559).

Esta corrente crítica torna-se um marco nos estudos literários justamente por voltar-se ao texto, nas dimensões conteúdo e forma, deixando de lado os aspectos alheios à diegese. Nessa esteira do entendimento do objeto literário como algo encerrado em si próprio, a Estilística propôs, no início do século XX, entender a literariedade como um conjunto de traços linguísticos. Assim, tais características do texto seriam fruto tanto de uma visão particular do autor, no uso individual e repleto de intenções (ainda que subscientes), quanto no estilo predominante de uma época. Para Silva (1976, p. 627), “O estilo de um autor ou de uma obra encontra-se visceralmente ligado a uma visão do mundo e da vida, a uma experiência e a uma ideologia”.

Quando Jauss apresenta a teoria da Estética da Recepção, em aula inaugural de 1967 na Universidade de Constança, na Alemanha, faz mais que propor uma nova abordagem para a literariedade. Regina Zilberman (1989) situa a conferência de Jauss no contexto da década de 60, marcada pelo reconhecimento do poder do jovem e o refutamento de ideologias das gerações anteriores. Naquele cenário de liderança estudantil, desenrolaram-se modificações também no campo da educação superior, o que engloba, evidentemente, o estudo da literatura.

Jauss (1994) tece críticas ao Formalismo Russo no que tange à busca pela literariedade na dicotomia ente linguagem artística e prática, pois “[...]”

conduziu ao conceito de percepção artística, conceito este que rompe completamente o vínculo entre literatura e vida” (p. 18-19). Ele também situa a problemática da abordagem histórico-literária nos estudos da área, em uma perspectiva interdisciplinar: “Da ótica das disciplinas vizinhas, os problemas que levantam são, aberta ou veladamente, qualificados de pseudoproblemas [...]” (JAUSS, 1994, p. 3).

O contexto histórico do surgimento de uma obra, bem como a gênese do objeto, os registros da crítica e o índice de sucesso entre os leitores da época podem até trazer alguma luz sobre o fenômeno texto literário. A questão que se impõe, na tese IX de Jauss (1994), é como dar cientificidade à análise quando faltam dados. Assim, o método da Estética da Recepção infere que cada peça literária traz o seu próprio horizonte de expectativas, parcialmente reconstituível a partir do entendimento de que o texto propõe questões para as quais oferece também respostas. Nessas perguntas, veladas, desveladas ou reveladas, instauram-se tensões, que precisarão ser resolvidas pelo próprio leitor (ISER, 2002). A fruição do texto não depende mais da admiração “ingênua do belo” (JAUSS, 1994, p. 18), mas sim do alargamento do horizonte de expectativas.

Jauss (1994) propõe um novo modo de estudar a literatura. Mais que um fenômeno, essa arte passa a ser vista como uma instituição social, democrática e acessível. Trata-se de uma expressão que não se explica sozinha, mas que depende de inúmeros outros elementos no âmbito da recepção. O método não prescinde das intencionalidades do texto, dos fatores conscientes e subconscientes, mas se concentra nos efeitos que causa no leitor. “Ademais, a obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio, mas, por intermédio de avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predispõe seu público para recebê-la de uma maneira bastante definida” (JAUSS, 1994, p. 28).

Liberdades entram em cena a partir do momento em que a obra literária é vista como um objeto inacabado e polissêmico. A literatura não está mais apenas no livro, na arquitetura do texto, seu “entendimento” ou na busca patética da razão; não é mais seara exclusiva da cátedra acadêmica. É viva, dinâmica e insere-se num cotidiano irrequieto por natureza, no qual o leitor

recebe a missão de dar os contornos ao objeto que lhe é ofertado e o faz através de um exercício de poder.

### 3 CONHECIMENTO CIENTÍFICO: ÉGIDE SAGRADA DA UTILIDADE

O conhecimento científico é um produto da ciência, obtido através da pesquisa. Ao ser registrado em textos científicos, torna-se “alcançável” por outros estudiosos, que podem, então, valer-se de resultados e entendimentos, gerando, conseqüentemente, mais conhecimento. Um círculo virtuoso, que permite à sociedade compreender-se, problematizar e alcançar novas soluções.

Demo (1995, p. 17), no entanto, diz que seria muito mais fácil deliberar sobre o que não é ciência, uma vez que sua definição pode ser complexa e, muitas vezes, repleta de “expectativas simplistas”. O autor acrescenta que não se pode considerar o pesquisador como um “oráculo”, mas sim situá-lo como um sujeito que se envolve diariamente com novas visões, ou seja, novas leituras.

Já Markoni e Lakátos (2003, p. 80) esclarecem que o conhecimento científico pressupõe um saber sistematizado e organizado de forma lógica. É verificável, ou seja, passível de comprovação a partir da experiência. Porém, as autoras também ressaltam que não se trata de um conhecimento absoluto, e sim algo mutável na medida em que novas visões, proposições e teorias atualizam, complementam ou refutam teorias pré-existentes.

Droescher e Silva (2014) explicam que o objetivo precípua da ciência é ampliar conhecimentos que podem ser certificados (ou seja, que seguem métodos e um comportamento padrão dos cientistas). Além disso, referem: “[...] a ciência é resultado da colaboração social e, por isso, está destinada à comunidade. Os resultados da pesquisa não pertencem exclusivamente ao cientista, mas à sociedade como um todo” (DROESCHER; SILVA, 2014, p. 171).

As autoras seguem enfatizando que as características citadas conduzem os achados científicos à divulgação, a fim de alcançar “[...] o maior número

possível de leitores e pesquisadores e, assim, cumprir seus objetivos iniciais [...]” (DROESCHER; SILVA, 2014, p. 171). Esse é o entendimento também de Leite e Costa (2007, p. 93) ao abordar a temática da comunicação científica: “[...] pode ser entendida como o conjunto de esforços, facilidades, processos dinâmicos e complexos, consensual e socialmente compartilhados, por meio dos quais o conhecimento científico – em sua vertente tácita e explícita – é criado, compartilhado e utilizado.”

Assim, compreende-se que o conhecimento científico é resultado de um processo colaborativo. É construído para ser disseminado, compartilhado e utilizado, atendendo a interesses sociais. Como manifestação humana, gera textos que visam explicitar conhecimentos sistematizados para gerar mais conhecimento.

### 3.1 O INVESTIGADOR EM LITERATURA: UM ESTRANHO NO NINHO?

Para Souza e Albuquerque (2012), o pesquisador em Ciências Humanas não pode assumir o compromisso da neutralidade. Justamente porque está inserido em um contexto cultural ao fazê-lo e seu próprio ato torna-se uma tensão entre o *eu* e o *outro*, em um processo de construção de alteridade. Nesse sentido, Ricoeur (1976, p. 83) afirma que o “ato de ler é a contrapartida ao ato de escrever”.

Durão (2015) relembra que uma obra literária tem o início da sua existência quando inserida numa prática de leitura ou escrita, científica ou não. Tendo em vista que o curso da história modifica o contexto e o sujeito, compreende-se que a atribuição de sentidos também não se repete. Desse modo, segue o autor: “O cerne da pesquisa em literatura acontece em torno da interpretação. Não há uma receita ou fórmula, nada dado de antemão que assegure um ato interpretativo eficaz” (DURÃO, 2015, p. 382). Para Ricoeur (1976, p. 85):

A interpretação não é um terceiro termo nem, como tentarei demonstrar, o nome da dialética particular de compreensão. É a compreensão aplicada às expressões escritas da vida. Numa teoria dos signos que minimiza a

diferença entre a fala e a escrita e que, acima de tudo, não realça a dialética de evento e significação, pode esperar-se que a interpretação surja apenas como uma província dentro do império da compreensão.

Assim, defende Durão (2015), se nas Ciências Exatas a exigência é pela verificabilidade, através da obtenção de dados idênticos na reprodução das mesmas condições do experimento, na pesquisa e ensino de literatura, o rigor do método estaria no desenvolvimento de hipóteses de leitura, que alicerçam as interpretações. A característica plurissignificativa da obra literária a torna acolhedora para as interpretações. No entanto, segue:

[...] isso não significa que tudo possa ser dito, ou que todos os enunciados interpretativos, mesmo aqueles dotados de uma exposição lógica criteriosa, possam ter o mesmo interesse. Aplicar a outro uma hipótese de leitura formulada para um artefato específico, quase inevitavelmente gera algo previsível ou até mesmo entediante. E, no entanto, do ponto de vista interno da pesquisa, não há nada de errado nisso. (DURÃO, 2015, p. 384).

Roberto Acízelo de Souza (2014), ao problematizar a pesquisa em literatura, afirma que há um horror generalizado ao método. Segundo ele, isso se dá em razão de uma certa incompatibilidade entre o rigor científico e a “[...] grandeza incomensurável da literatura [...]” (p. 475), bem como a tendência de compartimentar o conhecimento. No entanto, afirma, a vocação do método aplicado às Ciências Sociais “[...] deveria ser neutralizada pela adoção de perspectiva dita inter-, multi- ou transdisciplinar [...]” (2014, p. 475).

Compreende-se que valorizar um método milagroso em literatura é negar a própria natureza do objeto de estudo. Nesse sentido, ressalta-se, a adoção de procedimentos diversos é salutar para a compreensão do fenômeno literário. Entende-se, por conseguinte, que são justamente as contribuições dos demais campos da cultura que permitem a criação das hipóteses de leitura. Se tais interpretações não podem ser isentas, devem, contudo, ser sérias para permitir a compreensão do fenômeno literário na sua relação com o sujeito e o meio. Cumpre-se, dessa maneira, não só a função da literatura, mas também a da ciência.

#### **4 DAS TEORIAS DO MÉTODO À PRÁTICA: HIPÓTESES DE LEITURA PARA *CAPITÃES DA AREIA***

Este escrito ocupou-se, até as presentes linhas, em repassar parte do conhecimento acumulado sobre a questão da literariedade e da metodologia da pesquisa em literatura, que se constituem em modos de olhar para essa manifestação humana e, conseqüentemente, criando maneiras distintas de estudá-la. É, em certa medida, uma busca platônica da razão, através da problematização sobre como opera a ciência aplicada à literatura. Mais do que isso: a utilidade social de empreender tal tarefa. Se, por um lado, a literatura é interpretativa em essência, enquanto campo das Ciências Sociais interessa saber a quais questões levam tais interpretações.

Nesse sentido, o ato da leitura, de onde parte a interpretação, é um fenômeno social imprevisível. Isso porque, diferente da fala, a escrita é potencialmente a qualquer sujeito leitor, que pode estar distante no tempo e espaço, uma vez que coloca o discurso em um suporte material (RICOEUR, 1976). Desse modo, observa-se: “Por um lado, é a autonomia semântica do texto que abre o âmbito de leitores potenciais e, por assim dizer, cria o auditório do texto. Por outro, é a resposta do auditório que torna o texto importante e, por conseguinte, significativo” (RICOEUR, 1976, p. 43).

Enquanto matéria-prima da arte literária, o signo linguístico é o próprio DNA das personagens que vivenciam a trama. É no texto que o todo criativo torna-se palpável e passível das interpretações já comentadas. Candido et al. (1968) buscam em Aristóteles o conceito da verossimilhança para abordar a adequação do mundo da fábula ao que se entende como vida real. Trata-se de uma verdade que se desenvolve não a partir de uma absoluta correspondência com a realidade, mas sim de uma possibilidade que se cria no imaginário das personagens, que têm o papel de promover a adesão emocional do leitor à trama. Por essa razão, são entendidas aqui como um ponto de partida importante para a relação de alteridade entre leitor e texto, sendo que um constitui ao outro em um processo dinâmico que se dá via interpretação.

Iser (2002) evidencia o processo de diálogo que ocorre entre as idealizações da obra. Ao criar, o autor projeta uma personagem que irá narrar a obra. E, nesse sentido, mesmo o narrador onipresente, heterodiegético, é uma personagem. No interior da obra, e por meio do texto, o narrador trava um diálogo com uma outra entidade abstrata da narrativa literária: o leitor ideal. Este, por seu turno, também é uma personagem, embora muitas vezes invisível. É apreensível via interpretação.

Há, evidentemente, a questão da transmutação dos significados no decorrer do tempo. A língua é um elemento dinâmico e segue um curso diacrônico – é impossível reconstituir fielmente intenções de um autor no passado ou mesmo a reação do leitor. Assim, a proposta da Estética da Recepção é de que cada obra traz um horizonte de expectativas no diálogo muitas vezes “invisível” que se dá entre o narrador e o leitor ideal (JAUSS, 1994). Ou seja, o texto literário acontece por uma identificação, na medida em que os leitores da vida real se identificam com o leitor ideal.

Desse modo, as hipóteses de leitura que se propõem, na pesquisa “Reconhecendo personagens: a enunciação de violência em *Capitães da Areia*”, partem das personagens, as características formais que as estruturam, a maneira como são projetadas pelo narrador ao leitor implícito e o texto que lhes dá contornos. O vislumbre da estrutura pode, dessa forma, proporcionar um olhar para os agentes constituintes da obra literária, num exercício que evidencia o modo pelo qual o texto é construído. Todavia, acredita-se, o arcabouço teórico das escolas formalista, estrutural e estilística, não dão conta de fenômenos importantes da fruição do texto, tal como postulado por Jauss (1994).

Justamente para interpretar essas relações no que tange à violência, buscam-se entendimentos contemporâneos sobre o tema, pois os leitores de agora naturalmente preenchem as lacunas do texto usando de suas experiências individuais e coletivas, oriundas da cultura em que estão inseridos (JAUSS, 1994; ISER, 2002). Vale reforçar que, ao delimitar os elementos do texto e o arcabouço teórico para uma leitura acurada da obra literária, gera-se um recorte de pesquisa, que, por sua vez, irá gerar perguntas-problema e

direcionar a investigação a objetivos. Ao percorrer esse percurso, o leitor, independente do nível de experiência, construirá uma interpretação, na medida em que desenvolve uma hipótese de leitura.

Assim, a primeira fase da leitura-pesquisa proposta para *Capitães da Areia* (AMADO, 1998) consiste em um levantamento amplo e assistemático do texto, buscando-se indícios sugestivos de violência, tendo como balizas as definições da Organização Mundial da Saúde (KRUG, 2002). Esta primeira etapa gerou aproximadamente 60 páginas de transcrições de trechos da obra. A fim de propiciar interpretações, a segunda etapa consiste no que se convencionou chamar de triagem. Os indícios textuais são “etiquetados” conforme o tipo e natureza da violência, o nome da personagem e a sua classificação (de um ponto de vista estrutural, analisando-se a função de tal classificação na trama), além de outros dados de identificação.

As hipóteses de leitura que se originam dessa visão são, numa terceira etapa, discutidas à luz das teorias que embasam o método, a fruição e a compreensão. Busca-se respaldo no pensamento de Jauss (1994) para interpretar questões e respostas que o narrador propõe ao narratário. As análises são feitas a partir do elemento texto e os diálogos que se desenvolvem com outras expressões culturais: produção científica, filosófica, artística. Busca-se, desse modo, escapar dos perigos de uma análise hermética ou da tentação de transpor a verdade da obra para explicar a verdade da vida. Há, contudo, o fator interpretação do pesquisador / professor.

A investigação científica, neste caso, funde a figura do investigador com o objeto. Eles interagem e se ressignificam mutuamente. Se nas Ciências Naturais e Exatas o estudioso usa um laboratório equipado com aparelhos como microscópios para formular conclusões acerca do estudo, na Literatura, o pesquisador é o próprio laboratório. Os aparelhos que utiliza são tão intangíveis quanto o texto: estão aqui e ali, misturam-se com elementos culturais, mundividência, individualidade, consciência e subconsciência. As “contaminações” que podem colocar em xeque resultados em Exatas e Naturais são, na pesquisa em literatura, a própria riqueza única e irrepetível das conclusões.

Uma vez no papel de professor e mediador de leitura, o pesquisador, leitor experiente, tem a missão de apresentar aos estudantes a dinâmica do jogo do texto (ISER, 2002). Valorizando a interpretação individual de cada sujeito leitor, esta ancorada na compreensão (RICOEUR, 1976), o docente de literatura promove também a investigação neste campo. Nessa medida,

[...] a leitura do texto literário é um exercício que pressupõe comportamentos antagônicos: por um lado, ela exige do leitor a fidelidade à intenção do texto, que determina o ponto de partida das interpretações, deixando, porém, uma margem para a imprevisibilidade; por outro, ela prevê a liberdade de interpretação do leitor e a influência de sua historicidade no ato que realiza. (SARAIVA, 2006, p. 36).

Propõe-se, assim, como método que uma etapa da leitura-pesquisa seja destinada a diálogos que transcendam o método bibliográfico, adotando-se procedimentos de estudo que permitam indagar diretamente a outros leitores. Ou seja, utilizando técnicas próprias à pesquisa científica, tanto o pesquisador quanto o professor em literatura podem criar estratégias que permitam ao auditório do texto torná-lo significativo (RICOEUR, 1976). A partir dos textos que eles gerarem (verbais ou não, orais ou escritos), completa-se a fruição da pesquisa. Trata-se de uma jornada cujo final é docemente imprevisível e os resultados acontecem no meio do caminho, levando, assim como a obra literária, à ressignificação do olhar sobre sujeito.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O problema do método em literatura coloca o investigador diante das tensões imanentes ao texto, a literariedade e o joga em uma panaceia de possibilidades interpretativas. Mais do que isso, numa visão platônica da busca pela razão, há que se ponderar que o pesquisador em literatura está a cinco graus de distância da verdade. Já quem entra em contato com os frutos dessa pesquisa estaria, ainda numa interpretação do pensamento de Platão, a seis graus de distância da razão.

Ora, se a verdade é algo acima de tudo e de todos, ela é o primeiro grau. Já a ação que rege a vida está em um segundo grau de distância na medida em que transforma a ideia em algo feito, palpável, porém se manifesta como uma versão da razão. Já o imitador, aquele que “Finge tão completamente / Que chega a fingir que é dor / A dor que deveras sente [...]” (PESSOA, 2007, p. 131), imita a imitação da verdade. O literário, assim, se manifesta como interpretação do criador, que finge as subjetividades das projeções da obra. Portanto, a três graus da verdade.

O que resta, então, para o pesquisador/professor? Como visto, sujeito humano que é, detentor de uma realidade que só pode ser apreendida via texto, precisa interpretar o objeto de estudo e também as teorias e metodologias que se propõem a entender o fato literário. Teóricos e filósofos buscam a verdade, pensam, repensam e geram textos que estão a quatro graus de distância da razão, porque empreendem a tarefa de explicar algo tão complexo e multifacetado como a literatura. O estudioso, que se serve de tais pensamentos para a construção de um raciocínio interpretativo, cria tão somente uma hipótese de leitura a cinco graus de distância da razão platônica.

Não fossem as diversas considerações acerca das relações entre a literatura, a sociedade, o aspecto humano, o cognoscível e expressões culturais, poder-se-ia até questionar a relevância desse gênero de investigação científica. Se a literatura é inútil, estudá-la seria nada mais que um exercício de ócio disfarçado, pois pensar não é um ato prático. O pesquisador/professor tem como objeto o texto literário, mas também o interpreta, ressignifica no seu próprio horizonte de expectativas.

Entende-se ser impossível encontrar a verdade, o certo e irrefutável nisso. Não há como propor um algoritmo para checar a interpretação em outros contextos e daí desenvolver uma lógica útil. O método torna-se furtivo a cada novo olhar, porque o pesquisador-laboratório também está constantemente se equipando e trazendo para o seu universo de cognição novos aparelhos. A cada leitura, seja teórica, seja literária, o objeto assume nova forma, oferece novos resultados e abre novas interpretações.

Assim, entende-se, há inúmeras questões envolvidas nesse processo. A partir do exercício hermenêutico, em que o estudioso escolhe os pontos que irá observar em um recorte delimitado e assume o papel de jogador no jogo do texto (ISER, 2002), colocam-se em cena as individualidades do sujeito e do coletivo do qual faz parte. Desse modo, torna-se não apenas construtor dos sentidos texto literário, mas também reconstrói o seu universo de significações e, por consequência, cria um modo de olhar para o objeto literário e o contexto de recepção.

Há inúmeras questões individuais envolvidas nesse processo, tais como as memórias, as experiências de leitura pregressas e as escolhas da investigação. É salutar que assim seja, porque é justo isso que engrandece a compreensão da vida humana em sociedade. Pesquisar literatura é um caminho sem volta. Portanto, as problematizações tecidas neste artigo levam a uma releitura sobre o método da pesquisa em literatura: o rigor científico está em apresentar, através do texto e do diálogo com outros textos e interpretações, os caminhos que conduziram à interpretação.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. Capa e ilustrações de Poty. Vinhetas das ilustrações recuperadas por Pedro Costa. Retrato do autor por Jordão de Oliveira. Rio de Janeiro: Record; [S.l.]: Altaya, [1998]. 260 p., il. (Mestres da Literatura Brasileira e Portuguesa, 1). ISBN 85-01-15901-8.

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Ana Maria Valente. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

CANDIDO, Antônio et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1968.

DEMO, Pedro. Metodologia Científica em Ciências Sociais. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

DROESCHER, Fernanda Dias; SILVA, Edna Lucia da. O pesquisador e a produção científica. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.19, n.1, p.10-189, jan./mar. 2014.

DURÃO, Fabio Akcelrud. Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários. **DELTA**, São Paulo, v. 31, n. spe, p. 377-390, ago. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502015000300015&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502015000300015&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 10 out. 2018.

EIKHENBAUM, B. A Teoria do "Método Formal". In: EIKHENBAUM et al. **Teoria da literatura: formalistas russos**. 3. ed. Porto Alegre: Globo, 1976.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ISER, W. O jogo do texto. In: JAUSS, H. R. et. Al. **A literatura e o leitor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. P. 105-118.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

KRUG, Etienne G. et al. (eds). **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Genebra: World Health Organization, 2002.

LEITE, Fernando César Lima; COSTA, Sely Maria de Souza. Gestão do conhecimento científico: proposta de um modelo conceitual com base em processos de comunicação científica. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 36, n. 1, p. 92-107, jan. abr. 2007.

MARKONI; Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MORI, Letícia. Corte de bolsas da Capes afetará vacinas, energia, agricultura e até economia, diz presidente da SBPC. **BBC News Brasil**, São Paulo, 3 ago. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45063428> Acesso em: 16 out. 2018.

PESSOA, Fernando. Autopsicografia. In: \_\_\_\_\_. **Cancioneiro**. Porto Alegre: L&PM, 2007. p. 131.

PLATÃO. Livro X. In: \_\_\_\_\_. **A República**. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. p. 449-497.

RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação**: o discurso e o excesso de significação. Lisboa: Edições 70, 1976.

SARAIVA, Juracy I. A. Por que e como ler textos literários. In: \_\_\_\_; MÜGGE, Ernani. **Literatura na escola**. Propostas para o Ensino Fundamental. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. **Teoria da Literatura**. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

SOUZA, Roberto Acízelo. A questão do método nos estudos literários. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 49, n. 4, p. 471-476, out.-dez. 2014. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/download/18478/12394>> Acesso em: 20 set. 2018.

SOUZA, Solange Jobim e; ALBUQUERQUE, Elaine Deccache Porto e. A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana. **Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 109-122, dez. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bak/v7n2/08.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2018.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da Recepção e História da Literatura**. São Paulo: Ática, 1989.